

BREVES CRÔNICAS & *Comentários*

Comentários iniciais

- [Mais médicos, menos fantasia](#) ~ Fernando Gabeira, © O Globo, 26/11/18
- [Oposição à oposição](#) ~ Cristovam Buarque, © O Globo, 26/11/2018
- [Luzes do Al-Andaluz](#) ~ Eduardo Bueno , © ZERO HORA,04/01/2019

Comentários iniciais

From: Manfredo Winge
 Sent: Monday, November 26, 2018 7:55 PM
 To: Arno Bertoldo
 Cc: Sen. Cristovam Buarque
 Subject: Re: "Mais médicos, menos fantasia" & "Oposição à oposição "

Arno, valeu mais uma vez.

Dois excelentes textos do Gabeira e do Cristovam...

Ainda não deu para postar as tuas contribuições anteriores no *site*.

Penso em abrir uma página só de crônicas variadas de grande interesse – que podem ser estas ou inéditas escritas por qualquer um de nós – cada uma seguida por comentários de colegas e visitantes do *site*. Seria como um *pout pourri* de ideias, comentários, críticas e sugestões sobre assuntos importantes do momento ou, principalmente, de sempre.

Nome da página: “Breves Crônicas & *comentários*” (sugestões?). Seria (será, pô!!) tipo um blog só que os comentários não seriam/não serão automaticamente postados para não termos aquela enxurrada de bagaceiradas cheias de rancor e besteiras postadas por gente que muitas vezes se identifica debochadamente. Assim, prefiro ficar com o trabalho de selecionar principalmente pelo linguajar civilizado, descartando as crônicas ou comentários com termos chulos e que não sejam construtivos. E, também, editar tipo e tamanho de letra para uma boa apresentação de fácil leitura.

Estou repassando para a galera da velha guarda geológica da URGS e colegas da UnB também, além de amigos, etc.

Abraço

Manfredo Winge

De: Luiz José HoMem D'el-Rey Silva
 Enviada em: terça-feira, 27 de novembro de 2018 12:10
 Para: Manfredo Winge
 Assunto: Re: ENC: "Mais médicos, menos fantasia" & "Oposição à oposição "

Caro Manfredo:

Em seu livro **O Povo Brasileiro**, Darcy Ribeiro chamava a atenção para o fato de que, embora tenha tido tudo para dar errado como Nação (pela sua constituição às avessas desde o início) o Brasil insiste em dar certo.

Com minha idade e testemunho de vida eu sei que são pessoas que lutam para produzir coisas concretas e honestas que têm feito com que, ao longo dos nossos 500 anos de história, o Brasil tenha permanecido insistindo.

Por isto dou-lhe meus parabéns por seu esforço descompromissado de interesses - eu bem sei que são - apenas tentando contribuir para separar o que pode ser útil do que não é útil na conversa que se pretende civilizada entre pessoas de nível cultural.

É o esforço abnegado daqueles "a la" Pedro Simon.

Tanto o texto do Gabeira como o do Cristovam merecem aplausos. Pena que duas pessoas tão sensatas e preparadas não estarão compondo o nosso Congresso na próxima legislatura.

Abraço.

Luiz D'el-Rey

From: Arno Bertoldo
Sent: Monday, November 26, 2018 12:54 PM
To: manfredo.winge
Subject: ENC: Mais médicos, menos fantasia

Mais médicos, menos fantasia

Fernando Gabeira, © O Globo, 26/11/18

Organizações humanitárias mostram que estar ao lado dos mais fracos não é, unicamente, consequência da visão socialista.

Os cubanos foram embora. O Programa Mais Médicos não existe mais, tal como foi criado no governo Dilma. Sou otimista quanto ao futuro do programa. Talvez possa ser feito de uma forma melhor.

Breve, a discussão ideológica ficará para trás, e então poderemos nos concentrar no que realmente interessa: a saúde de milhões de brasileiros.

A grande oportunidade que está diante de nós é a ida de milhares de jovens médicos brasileiros para o interior. As condições salariais são atraentes. O dinheiro ficaria no Brasil. Mas não é esse o principal ganho. O encontro de milhares de jovens da classe média urbana com os rincões do Brasil pode representar para eles um grande aprendizado.

Já houve grandes momentos históricos em que esse encontro se deu. Na Rússia, no século XIX, quando milhares de estudantes foram compartilhar o cotidiano dos camponeses. Havia muito romantismo, ideias revolucionárias, uma visão idealizada dos pobres do campo. Embora o resultado tenha sido revoluções esmagadas, foi um período rico para a própria cultura russa.

Aqui, no Brasil, as idealizações não são as mesmas. Minha impressão é que os brasileiros vão encontrar no interior surpresas positivas sobre as pessoas que vivem lá. Os russos se decepcionaram porque esperavam ver nos camponeses um reflexo de suas fantasias urbanas.

A ida dos médicos brasileiros teria o mesmo valor pedagógico que a carreira oferece aos militares: percorrer diferentes pontos do país, sentir a diversidade, acreditar mais ainda no potencial do Brasil.

Não há contraindicação ideológica. Ouso dizer mesmo para uma juventude de esquerda dos grandes centros: o choque cultural seria benéfico. Certamente, sairia mais realista.

Meu primeiro trabalho na TV, creio em 2014, foi sobre uma cidade do Maranhão chamada Buriti Bravo. Já era uma aproximação com o Programa Mais Médicos. Uma visita às cidades mais desamparadas, no Maranhão e no Amapá. Semana passada, procurei algumas pessoas como o escritor Antonio Lino, que fez uma dezena de viagens para escrever sobre o Mais Médicos. E também o sanitarista Hermano Castro, da Fiocruz.

Minhas primeiras conclusões: o programa é essencial para as cidades cobertas; ele pode ser feito majoritariamente por brasileiros, o que não significa que alguns estrangeiros não possam participar, dentro das regras do jogo. Constatei também que o gargalo é a formação desse tipo de médico. Isto estava previsto no programa de Dilma, mas não foi bem desenvolvido. preciso ser realista. Apesar dos salários, ainda é muito difícil fixar um jovem médico no interior. A realidade me leva de novo ao mundo das ideias.

A única maneira de atenuar realmente o problema é uma valorização simbólica desse tipo de trabalho. Transmitir um pouco, por exemplo, a chama que ilumina um grupo como o Médicos Sem Fronteiras, que leva ajuda a pessoas em grandes dificuldades. No caso, o governo comprar essa ideia talvez não ajude tanto quanto se fosse aceita pelo mundo cultural. Não proponho heróis positivos, são pessoas de carne e osso que merecem um reconhecimento maior.

Tanto os cubanos quanto a esquerda encaram esse trabalho como o produto de uma visão socialista, e desafiamos a verem na medicina um mercado, e não adotarem suas teses.

Esquecem que a exportação de serviços médicos é um importante item no comércio exterior cubano. É um negócio de Estado. Não só o Médicos Sem Fronteiras, mas inúmeras organizações humanitárias no mundo demonstram que essa presença ao lado dos mais fracos não é, unicamente, uma consequência da visão socialista. Para completar a semana, ouvi uma conferência do ministro alemão Christoph Bunschener num painel sobre indústria 4.0. Paradoxalmente, ele falava de um futuro tecnológico com diagnósticos à distância, portanto, com menos médicos. Se combinarmos a formação dos novos médicos com uma abertura para o mundo tecnológico, é possível atenuar esse grande problema brasileiro. No momento, temos um pepino. No futuro, talvez nos lembremos da passagem dos cubanos apenas como um doloroso aprendizado. É raro um contrato ser rompido assim, numa área tão sensível, sem que tenhamos salvaguardas. Isso faz parte do legado. Ideologias se interessam pelas ideias, não pelas pessoas.

Comentários

From: Ellen Bisconti
Sent: Tuesday, November 27, 2018 1:42 PM
To: Manfredo Winge
Subject: Re: Fw: "Mais médicos, menos fantasia" & "Oposição à oposição"

Foi necessário que um presidente eleito, que ainda não tomou posse, para por fim a um programa, que através de "médicos", desviava dinheiro para fortalecer a ditadura cubana. Liberados do revalida, apenas 30% dos vencimentos para si, famílias presas na pequena ilha,

Em 2017, em nosso estado, mais de 10.000 médicos se inscreveram e somente 1000 foram chamados. Agora, em poucos dias, todas as vagas foram preenchidas.

Através desse programa, o governo petista, desviou bilhões para seus comparsas em Cuba, estreitando laços com ditaduras comunistas. Tornar nosso país como o deles, sendo os privilégios apenas para os que estão no poder.

Segundo o Presidente Bolsonaro, as condições eram anaceitáveis. E os brasileiros ficavam felizes com o tapinha nas costas que os médicos de Cuba lhes davam. Tapinha milagroso.

A verdade veio à tona, cristalina, transparente. Tudo o que é verdadeiro é tão mais fácil.

[\[INÍCIO\]](#)

De: "Arno Bertoldo"
Enviada: 2018/11/26 10:24:09
Assunto: Oposição à oposição

Oposição à oposição

Cristovam Buarque, © O Globo, 26/11/2018

O novo governo ainda não tomou posse, e os derrotados tentam se aglutinar para ganhar a próxima eleição, em 2022. Não percebem que, mais do que Bolsonaro vencer a eleição de 2018, a população brasileira disse “não” aos que agora defendem unidade dos derrotados. Querem ganhar o próximo pleito com a mesma postura que apresentaram, com o mesmo discurso e a mesma falta de sintonia com o futuro. O povo disse não a essas siglas que tentam se aglutinar sem fazer autocrítica, sem entender onde erraram, sem formular alternativas. Parecem acreditar que foi o povo quem errou, escolhendo outro candidato, e propor uma nova chance aos eleitores para acertarem em 2022. Dizem que o único errado é o PT, do qual agora se afastam depois de terem bajulado Lula ao longo de anos. Esquecem que, no primeiro turno, o PT teve mais votos que todos os candidatos das siglas que agora se dizem da esquerda não petista. E insistem na esquerda em nada diferente do que o eleitor repudiou em outubro. Não percebem o apego do povo ao país e seus símbolos, continuam falando para as comparações, de empresários e de trabalhadores, cujas reivindicações asfixiam as finanças públicas. Não entenderam o esgotamento gerencial e fiscal do Estado, nem assumem compromissos com responsabilidade fiscal e estabilidade monetária.

Se quiserem fazer oposição pelo bem do Brasil, esses partidos e líderes precisam começar a fazer oposição a si próprios: entender onde estão errando há décadas, formular uma proposta para o futuro do Brasil, definir como dar coesão e rumo ao país e a sua sociedade, dividida socialmente e improdutiva economicamente. Dizer em que esse caminho é antagônico ao do PT e ao do Bolsonaro e, por isso, oposição aos dois.

A primeira autocrítica seria à política do compadrio de siglas com propósito eleitoral, como tentaram durante os dois meses que antecederam o pleito e tentam agora olhando 2022. A segunda é entender que perderam sintonia com os rumos da história; perceber as revoluções que ocorreram no mundo: a globalização e as amarras que provocam na economia nacional; a informática, a robotização e o desemprego estrutural consequente; os limites ecológicos ao crescimento; o aburguesamento dos movimentos sindicais e a miopia e oportunismo dos movimentos sociais; a importância da educação de qualidade igual para todos como o vetor do progresso econômico e social. A terceira é perceber que não se constrói justiça social sobre economia ineficiente; por isso, é preciso respeitar os limites orçamentários, despolitizar regras da economia, zelar pela estabilidade monetária, reconhecer o papel do livre-comércio e a necessidade de reformas que desamarrem o Brasil. Concentrar os propósitos revolucionários na garantia de escola com qualidade igual para todos: os filhos dos trabalhadores na mesma escola que os filhos dos patrões.

Uma oposição consequente deve começar pela autocrítica de seus erros, reconhecendo não ter oferecido uma alternativa progressista e sintonizada com o espírito de nossos tempos. Cada democrata-progressista deve fazer oposição ao que Bolsonaro representar de retrocesso, mas isso não basta: é preciso avançar dizendo que rumo pode oferecer para um Brasil eficiente, justo, sustentável, livre. Antes de fazer oposição aos vitoriosos, a “exquerda” nostálgica que tenta se aglutinar precisa fazer frente a seu próprio passado derrotado, não apenas por Bolsonaro, mas pela história. Sem isso, chegará em 2022 outra vez sem propostas para o futuro ou dizendo que seu projeto é apenas ser contra o novo governo e o PT ao qual serviram até ontem.

[INÍCIO]

© ZERO HORA - <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/eduardo-bueno/noticia/2019/01/de-todas-as-epocas-de-ouro-minha-favorita-floresceu-no-al-andalus-cjqhy47y70pcf01rxvuw6cc2j.html>
04/01/2019 - 09h18min Atualizada em 04/01/2019 - 09h18min

Luzes do Al-Andaluz

De todas as épocas de ouro, minha favorita floresceu no Al-Andalus
*Não resta dúvida de que houve lugares e tempos
em que o sublime parece ter cintilado na Terra*

EDUARDO BUENO

O mundo já vivenciou mais trevas e dores do que luzes e concórdia ao longo dos milênios em que escorre a civilização. Mas não resta dúvida de que houve lugares e tempos em que o sublime parece ter cintilado na Terra. De todas as épocas de ouro, minha favorita floresceu no Al-Andalus, como os mouros batizaram a refulgente nação que estabeleceram no que antes já quase era e que depois com certeza viria a ser a Espanha. Foram necessários só sete anos para conquistar o território que por sete séculos viveu sob égide islâmica. A ocupação se iniciou em maio de 771, quando o exército de Tarik ibn Ziyad cruzou o estreito que leva seu nome: Gibraltar (de Jabal al Tariq, ou "montanha de Tarik"). Mas a nova historiografia ibérica tende a considerar esse movimento mais que mera invasão: terá sido uma missão civilizatória que levou à Península vastas inovações e várias benesses.

Entre outras coisas, os berberes quiseram ensinar os iberos a tomar banho – nem todos aprenderam. Mas as fabulosas termas e "banhos turcos" foram pequena parcela dos hábitos, técnicas, ciências e artes de rebuscado requinte e comprovada eficácia então introduzidos – junto com as laranjas – no sul da Espanha e de Portugal. Entre as cintilações proporcionadas pelo Califado de Córdoba e pelos sultões da dinastia Nasrida (senhores do palácio de sonhos da Alhambra, em Granada), estão a arquitetura de sublime esplendor, a astronomia e a astrologia, a medicina, a álgebra, a poesia de refinamento inaudito e forte teor erótico ou religioso; a música profana e a sacra, a criação de cavalos "árabes", os bálsamos e perfumes de inebriante aroma, o xadrez, o plantio em degraus e a irrigação arrojada; as almofadas, tapetes e azulejos; o sexo simultaneamente sagrado e tórrido, as banheiras de mármore, as janelas "manuelinas" enquadrando os alvos cumes da Serra Nevada; os rios sussurrando como se gratos por virarem canais translúcidos e, é claro, os primeiros hospitais, bibliotecas e universidades públicas de que se tem notícia. Tudo fruto da Idade de Ouro Islâmica, do século 8 a fins do século 15.

Ali, a jardinagem foi elevada ao status de arte viva. Na sombra projetada por altos e rubros muros, os paisagistas árabes plantavam fileiras de plátanos, palmeiras, laranjeiras e limoeiros e canteiros sem fim de rosas e jasmims, ao redor de um tanque geométrico central, revestido de azulejos azuis. As águas jorravam refrescando o ar e seu murmúrio tinha efeito hipnótico. Não é à toa que "paraíso" é palavra advinda do persa *pairidaeza*, ou jardim celestial.

Tudo isso esmoreceu e murchou em 1º de janeiro de 1492, quando Isabel, a Católica, com seu fervor religioso e monolítica intolerância, tomou Granada, último bastião da Andaluzia. Com o dinheiro saqueado aos vencidos, ela financiou a expedição de seu favorito, Colombo, o portador de Cristo. De lá para cá, lamento informar, o mundo não melhorou.

Comentários

De: Manfredo Winge
Enviada em: sábado, 12 de janeiro de 2019 18:58
Assunto: EDUARDO BUENO: Luzes do Al-Andaluz

Prezados familiares, amigos e colegas,
passo pra vocês o *link* e uma transcrição do artigo do historiador e cronista Eduardo Bueno que nos dá um *flash* da evolução civilizatória que significou a tomada da península ibérica pelos “bárbaros” islâmicos que dominaram a região por 7 séculos e o que se perdeu depois em decorrência da retomada “cristã” pela rainha Isabel. Como é que a civilização ocidental teria evoluído se, ao invés de destruir muito da cultura, costumes, conhecimentos, documentos, objetos de arte,.. dos mouros

“infiéis” nestas retomadas e nas várias cruzadas cristãs (frequentemente bárbaras e sanguinárias), tivessem sido feitos acordos civilizados?

Saudações

Manfredo

Manfredo Winge - <http://mw.eco.br/zip/hp.htm>[confraria democrática do bom senso]

Webmaster: [1º SITE do IG/UnB](#)

[Glossário Geológico Ilustrado](#)

[SIGEP Sítios Geológicos e Paleobiológicos do Brasil](#)

"Aqueles preocupados com o custo da educação deveriam antes considerar o custo da ignorância".

Derek Bok, ex-Reitor da Universidade de Harvard *(foi-me enviado por e-mail)*

[[INÍCIO](#)]
